

NAÇÃO, DEMOCRACIA E DESENVOLVIMENTO EM LIVROS DIDÁTICOS DOS ANOS 50

Aluna: Claudia Barroso Roquette-Pinto Bojunga
(CNPq, março 2008 a julho de 2009)
Orientador: Luís Reznik

I-Introdução

No pós-II Guerra Mundial o clima no Brasil era de otimismo em relação aos rumos que o país tomaria. Com o fim do período autoritário de nove anos de Estado Novo (1937-1945) e a promulgação, em 1946, de uma nova Carta, liberdades individuais que até então inexistiam ou haviam sido cerceadas passam a ser garantidas, como a realização de eleições e a livre e pública manifestação de idéias. A discussão de um projeto de nação vai ser central no ambiente político-intelectual ao longo da década de 1950 e os conceitos de nação, democracia e desenvolvimento eram paradigmáticos desse pensamento. O mundo encontrava-se polarizado pela Guerra Fria, o que trazia características específicas e diferentes possibilidades para a democratização do país.

II-Objetivos

A análise de livros didáticos de História da década de 1950 torna possível entendermos como os autores dessas obras – imbuídos dos ideais de seu tempo – operam com os conceitos de nação, democracia e desenvolvimento. Que períodos históricos e que características estão, em seus discursos, ligados a cada um desses conceitos?

Mesmo sendo a temática dessas obras a História do país, experiências do passado, sabe-se que o significado que os autores atribuem a esses conceitos está ligado ao seu próprio momento histórico. Através do objeto escolhido, temos acesso a uma expressão do pensamento desses autores e a uma versão simplificada da produção historiográfica do país. Trata-se de mais um nicho documental que completa o panorama do ambiente político e intelectual que vem sendo trabalhado pelo grupo de pesquisa, composto também por Amanda Terêncio e Walmyr Júnior.

Em uma primeira etapa analisamos esses três conceitos nos discursos de autores selecionados por serem clássicos do pensamento intelectual da década de 1950: Anísio Teixeira, Helio Jaguaribe e Celso Furtado. Anteriormente, outro grupo já havia trabalhado os mesmos conceitos nos debates políticos na imprensa durante o período das eleições presidenciais de 1950, 1955 e 1960.

Os livros didáticos com o seu amplo público de alcance introduzem uma nova faceta nessa reflexão. Desta forma, tentaremos entender como esses valores da época estão sendo transmitidos e assim penetram nas escolas, formadoras dos futuros cidadãos do país.

III- Metodologia

Para embasar uma reflexão sobre a história dos conceitos (mais especificamente os conceitos nação, democracia e desenvolvimento), em um primeiro momento fizemos leituras teórico-metodológicas que auxiliassem e instrumentalizassem a análise dos documentos, como de Reinhart Koselleck [História dos conceitos e história social”, “Modernidade: sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade” e “Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas”, “O futuro passado dos tempos

modernos” In: **Futuro passado**] e de J.G.A Pocock [“O estado da arte”. In: **Linguagens do ideário político**].

Em uma segunda etapa, fizemos um levantamento de livros didáticos na Biblioteca Nacional e na internet. A partir da escolha dos primeiros livros que cada pesquisador iria analisar, começamos a reflexão sobre os conceitos selecionados. Trabalhei com os textos de Basílio de Magalhães [**História do Brasil**. São Paulo/Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1957] e Helio Vianna [**História do Brasil para o terceiro ano colegial**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952]

Fiz um fichamento, assim como um levantamento dos termos centrais da pesquisa nesses livros, além de elaborar comentários sobre o que cada autor atribuía aos conceitos de nação, desenvolvimento e democracia. Com reuniões periódicas da equipe com o orientador realizamos discussões em que destrinchamos esses textos, o que possibilitou a troca do conteúdo que cada pesquisador abordou. Assim, pudemos observar paralelos entre os autores e as obras, o que contribuiu para as conclusões.

IV Conclusão

Em uma análise preliminar e comparativa dos dois primeiros livros selecionados foi possível notar as diferenças e semelhanças entre os autores. Ambos expressam primeiro uma noção genérica de desenvolvimento associando-o também à indústria. Já quando se trata de falar de democracia divergem. Helio Vianna praticamente a extingue de seu vocabulário e, inclusive, não apresenta a passagem ao Estado Novo como uma interrupção do regime democrático ou um golpe de estado. Já Basílio de Magalhães estabelece claramente a diferença entre o Estado Novo e o período democrático, ele também exalta as tradições liberais a que o país retorna, depois de terminada a Segunda Guerra Mundial. Em relação à idéia de nação, nos dois autores ela vai se esboçando a partir da declaração de Independência de Brasil com Portugal e vai se tornando mais forte, a ponto de Magalhães grafar pátria com letra maiúscula, quando se refere ao “engrandecimento” do país com a Constituição de 1946.